

SUSI PEREIRA CARDÃO

**O IMPACTO DA VIOLÊNCIA BIDIRECIONAL
NA SATISFAÇÃO COM A RELAÇÃO ÍNTIMA**

Orientadora: Professora Doutora Andreia Machado

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

Lisboa

2022

SUSI PEREIRA CARDÃO

**O IMPACTO DA VIOLÊNCIA
BIDIRECIONAL NA SATISFAÇÃO COM A
RELAÇÃO ÍNTIMA**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 14 de Dezembro de 2022, perante júri, com o Despacho de Nomeação nº 389/2022, 15 de novembro de 2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof^{ra}. Doutora Ana Rita Cruz

Arguente: Prof^{ra}. Doutora Carla Antunes (UL-Porto)

Orientadora: Prof.^a Doutora Andreia Machado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2022

Agradecimentos

Especialmente à Professora Doutora Andreia Machado, o meu mais profundo agradecimento, pela forma muito profissional (sem que nos faltasse com aquela palavra de incentivo, nos momentos necessários), disponível e incansável, com que conduziu cada tutoria, respondeu às dezenas de emails, viu e reviu cada nova versão desta dissertação, deu sessões extra de zoom, enfim.

Outro agradecimento dirige-se, necessariamente, à Professora Doutora Olga Cunha, como co-orientadora, que me ajudou com especificidades da ‘complexa’ estatística e também se mostrou totalmente disponível para me auxiliar, contribuindo de forma muito positiva para este resultado.

Resumo

As relações de intimidade são, de acordo com literatura mais recente, pautadas pela existência de violência bidirecional, perpetrada e sofrida por ambas as partes. Esta violência, que pode ser psicológica, física, sexual ou *stalking*, têm um efeito nefasto. Um dos fatores de risco apontado para a violência bidirecional é a satisfação com a relação íntima, um fenómeno multidimensional, caracterizado pela percepção que os cônjuges têm da relação, numa avaliação de custo-benefício. Este estudo teve como objetivo perceber o impacto da violência bidirecional na satisfação com a relação íntima, numa amostra da comunidade. Os 767 participantes responderam, online, a um questionário sócio-demográfico, à escala de conflitos CTS-2R e a um inventário de satisfação conjugal (Kansas Marital Satisfaction Scale). A violência bidirecional foi o formato de violência mais relatado no último ano, com 50,4%, no entanto, contrariamente ao esperado, este valor não teve impacto na satisfação com a relação íntima. Homens e mulheres revelaram-se satisfeitos, sem diferenças significativas entre si. A tipologia violência psicológica foi prevalente (43%), contudo, não afetou a satisfação. A prática de estratégias de negociação, similarmente aos resultados anteriores, não demonstrou influenciar positivamente a satisfação. O facto de, a violência bidirecional ser prevalente, implica a necessidade de conhecer melhor este formato de violência, bem como, a falta de repercussões na satisfação com a relação íntima, apesar da elevada presença de violência, torna premente perceber o que parece afigurar-se como uma naturalização da violência nas relações íntimas. Considerações sobre implicações e estudos futuros são contempladas.

Palavras-chave: Violência nas Relações de Intimidade; Violência Bidirecional; Satisfação Com a Relação Íntima.

Abstract

Intimate relationships are, according to more recent literature, guided by the existence of bidirectional violence, perpetrated and suffered by both parts. This violence, which can be psychological, physical, sexual or stalking, has a harmful effect. One of the risk factors pointed out for bidirectional violence is satisfaction with the intimate relationship, a multidimensional phenomenon, characterized by the perception that the spouses have of the relationship in a cost-benefit assessment. This study aimed to understand the impact of bidirectional violence on satisfaction with the intimate relationship, in a sample of the community. The 767 participants answered, online, to a sociodemographic questionnaire, to CTS-2R conflict scale and to a marital satisfaction inventory (Kansas Marital Satisfaction Scale). Bidirectional violence was the most reported form of violence in the last year, with 50.4%, however, contrary to expectations, this value had no impact on satisfaction with the intimate relationship. Men and women were satisfied, with no significant differences between them. The psychological violence typology was prevalent (43%), however, it did not affect satisfaction. The practice of negotiation strategies, similarly to the previous results, has not been shown to positively influence satisfaction. The fact that bidirectional violence is prevalent implies the need to better understand this form of violence, as well as the lack of repercussions on satisfaction with the intimate relationship, despite the high presence of violence, makes it urgent to understand what seems to figure as a naturalization of violence in intimate relationships. Considerations on implications and future studies are contemplated.

Keywords: Violence in Intimate Relationships; Bidirectional Violence; Satisfaction With Intimate Relationship.

Abreviaturas

VRI – Violência nas Relações de Intimidade

VU – Violência Unidirecional

VB – Violência Bidirecional

VPB – Violência Psicológica Bidirecional

VFSS B – Violência Física Sem Sequelas Bidirecional

CS B – Coerção Sexual Bidirecional

VFCS B – Violência Física Com Sequelas Bidirecional

NB – Negociação Bidirecional

SC – Satisfação com a Relação Íntima

CTS2-R – The Revised Conflict Tactics Scale

KMSS - Kansas Marital Satisfaction Scale

Índice

Introdução	9
Violência Bidirecional	10
Satisfação com a Relação Íntima	13
Pertinência do Estudo	17
Método	18
Amostra/Participantes	18
Instrumentos	21
Procedimento	24
Análise de Dados	25
Resultados	26
Prevalência Anual dos Formatos de Violência, Escala de Negociação e Tipos de Violência	26
Prevalência Global dos Formatos de Violência, Escala de Negociação e Tipos de Violência	26
Relação entre a SC - Satisfação Com a Relação Íntima e os formatos de Não Violência, Violência Unidirecional Perpetração, Violência Unidirecional Vítimação e Violência Bidirecional	27
Prevalência dos Tipos de Violência e diferenças na satisfação com a relação íntima, em função da presença de violência psicológica bidirecional.....	28
Diferenças na satisfação com a relação íntima, entre homens e mulheres envolvidos em violência bidirecional.....	29

Diferenças na satisfação com a relação íntima, entre os grupos com e sem negociação bidirecional.....	29
Discussão	30
Limitações	33
Implicações Práticas	34
Estudos Futuros	35
Referências Bibliográficas	36

Índice de tabelas

Tabela 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes

Tabela 2 - Tempo, em anos, na relação

Tabela 3 - Prevalência Anual dos Formatos de Violência, Escala de Negociação e Tipos de Violência

Tabela 4 - Prevalência Global dos Formatos de Violência, Escala de Negociação e Tipos de Violência

Tabela 5 - Estatística descritiva e Teste Anova: Relação entre a SC - Satisfação Com a Relação Íntima e os formatos de Não Violência, Violência Unidirecional Perpetração, Violência Unidirecional Vitimação e Violência Bidirecional

Tabela 6 - Estatística descritiva e Teste t Student: SC – Prevalência dos Tipos de Violência e diferenças na satisfação com a relação íntima, em função da presença de violência psicológica bidirecional

Tabela 7 - Diferenças na satisfação com a relação íntima, entre homens e mulheres envolvidos em violência bidirecional – Teste t Student

Tabela 8 - Estatística descritiva e Teste t Student: Diferenças na satisfação com a relação íntima, entre os grupos com e sem negociação bidirecional

Introdução

Por violência nas relações de intimidade (VRI) entende-se a violência física, sexual, *stalking* e/ou violência psicológica, que é exercida por um parceiro contra o outro, numa relação que pode ser atual ou passada. Contempla-se a sua ocorrência em episódios exclusivos ou de forma repetitiva, em casais de sexos opostos ou do mesmo sexo. A severidade pode variar e produzir consequências de nível psicológico e/ou físico e um impacto financeiro significativo, como a título de exemplo, com o valor envolvido em tratamentos psicoterapêuticos e/ou farmacológicos, bem como no decréscimo da produtividade (Centers for Disease Control and Prevention, 2019).

Ao longo dos anos, são múltiplas as perspectivas teóricas que têm contribuído para explicar o fenómeno da VRI (Burelomova et al., 2018). Destas perspectivas, destacam-se a feminista e a dos sociólogos dos conflitos familiares (Dokkedahl, 2019). A primeira surge nos anos 70 e define os papéis de género como os principais responsáveis por esta problemática. É expressa numa visão unidirecional, que coloca o homem no lugar de perpetrador e a mulher no de vítima (Johnson, 1995; Lawson, 2012). No entanto, Suzanne Steinmetz (1978), com base nos dados da primeira Investigação Nacional de Violência Familiar, constatou que havia tantos maridos quantas esposas agredidas, dando o mote para a reflexão sobre se esta é uma questão de género ou se envolve outros fatores. Neste sentido, surge a segunda perspectiva, dos sociólogos dos conflitos familiares, que, na sua contribuição para a explicação da VRI, dá primazia à estrutura das relações em detrimento do plano individual (Lawson, 2012). Nesta perspectiva entende-se a família como um lugar que, pelos interesses divergentes dos envolvidos, produz conflitos e que, na falta ou fracasso de estratégias, usam a violência para a sua resolução (Lawson, 2012; Rakovec-Felser, 2014).

De forma a tentar responder à controvérsia entre estas diferentes perspetivas surge a tipologia de Johnson (1995, 2005, 2006a), que se caracteriza por 4 tipos de violência (*Terrorismo Íntimo; Resistência Violenta; Violência Conjugal Situacional e Controlo Mútuo*). O *Terrorismo Íntimo* será mais associado à perspetiva feminista, apontando o homem como principal perpetrador e os restantes tipos incluem-se nas teorias dos sociólogos dos conflitos familiares e na questão de papéis de género, considerando a violência bidirecional (VB), onde homens e mulheres podem alternar entre o papel de perpetradores e/ou vítimas (Bates, 2016; Johnson, 1995, 2005, 2006a). Não obstante, investigações mais recentes indicam que a mulher também perpetra *Terrorismo Íntimo* (Hines & Douglas, 2010a, 2010b; Straus & Gozjolko, 2014), pelo que esta discussão parece não poder ser circunscrita aos papéis de género (Archer, 2002; Bates, 2019; Hines & Douglas, 2009; Mackay et al., 2018).

A simetria de género, i.e., a perpetração e vitimação em números similares de violência para homens e mulheres (Capaldi et al., 2009; Hine et al., 2020a; Machado et al., 2019; Razera et al., 2017; Tillyer & Wright, 2013) conduz-nos a um formato de VRI bidirecional.

Violência Bidirecional

A violência bidirecional (VB) não é um fenómeno recente (Saunders, 1986), não obstante, continua a ser pouco estudado (Kononova et al., 2019), uma vez que continua a prevalecer uma socialização patriarcal, que se baseia na visão estereotipada do homem como dominador, fisicamente mais forte, estoico e autosuficiente (Archer, 2002; Connel, 2005; Langhinrichsen-Rohling, 2010; Straus, 2010) e da mulher como fraca e vulnerável (Bates et al, 2019b), mantendo uma subordinação da mulher em detrimento do homem (Kononova et al., 2019). No entanto, a continuidade do estereótipo afeta negativamente, não só a mulher, como o homem (Kononova et al., 2019), acabando por ter repercussões

a vários níveis: influenciam a percepção de abuso da sociedade em geral (Hine et al., 2020b); influenciam negativamente o homem, que, conseqüentemente, pede menos ajuda (Archer, 2002, Bates et al., 2019; Machado et al., 2016, 2019; McCarrick et al., 2015); minimizam a visibilidade e as experiências vividas (Hine et al., 2020b; Machado et al., 2016), falham em providenciar à mulher agressora planos de intervenção adequados (Bates et al., 2019) e sustentam a inadequação das políticas de prevenção, intervenção e serviços (Machado, 2016; Wallace et al., 2019).

Por sua vez, este impasse, origina que nem o conceito de VB seja consensual, dificultando a sistematização e comparação de estudos (Stewart et al., 2021). Atualmente, existem diferentes designações, como por exemplo: “violência mútua” (Capaldi et al., 2009, Williams & Frieze, 2005), violência bidirecional (Langhinrichsen-Rohling et al. 2012), violência recíproca (Whitaker et al., 2007) e as tipologias também já referidas “*Resistência Violenta; Violência Conjugal Situacional e Controle Mútuo*” (Johnson, 1995, 2005, 2006a; Bates, 2016).

A VB é caracterizada pelo uso de violência, por parte de ambos os parceiros, numa relação de intimidade (Holmes et al., 2019). Pode contemplar um perpetrador primário ou alternar entre os elementos da relação (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012) e a violência não tem de, necessariamente, ocorrer em simultâneo, no mesmo episódio (Palmetto et al., 2013). Para este trabalho, a definição de VB adotada, tange o envolvimento em violência por parte de ambos os parceiros, numa relação de intimidade (Holmes et al., 2019).

A literatura aponta a VB como a forma mais frequente de violência (Capaldi et al., 2009, 2012; Gray & Foshee, 2015; Hine et al., 2020a; Langhinrichsen-Rohling, 2010; Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Lascorz et al., 2020; Machado et al., 2019; Palmetto et al., 2013; Sousa, 2021; Williams & Frieze, 2005), com prevalências, no que respeita a

amostras com casais heterossexuais, de 81,9% (Sousa, 2021; Graham et al., 2012), 57,5% (Langhinrichsen-Rohling, 2012) e, de 55% em amostras com casais do mesmo sexo e minorias sexuais (Messinger, 2018).

Enquanto na violência unidirecional (VU), o motivo para o despoletar da violência é atribuído, essencialmente, a características de personalidade do perpetrador e da vítima, ou à necessidade de controlo do primeiro, para com o segundo (Flynn & Graham, 2010), na VB, a violência surge perante os conflitos do dia-a-dia dos casais (Bates, 2016; Johnson, 1995, 2005, 2006a).

Neste sentido, o facto de a VB envolver motivações que não se prendem apenas com poder ou controlo (Curtis et al., 2015; Straus, 2010) e as duas partes como perpetradoras/vítimas, desenvolve nos parceiros uma perceção de que não há uma figura de poder dominante e, conseqüentemente, a perigosidade é sentida como diminuta ou inexistente (Follingstad et al., 2012). No entanto, sobretudo no uso de autodefesa das mulheres (Archer, 2002; Palmetto et al., 2013), ou de ambos (Leisring & Grigorian, 2016), as investigações alertam que a VB está sujeita ao escalar do conflito e eleva a probabilidade de causar ferimentos graves (Babcock et al., 2019), com percentagens de 10,3% na VU para 37,9% na VB (Marcus, 2012). No plano da frequência da prática de atos violentos, os estudos sugerem que na VB parece haver mais reiteração do que na violência unidirecional (VU) (Palmeto et al., 2013; Whitaker et al., 2007).

Além disso, tanto para casais heterossexuais como para a comunidade LGBTQI+ (Messinger, 2018), as conseqüências da VB podem ainda englobar elevado sofrimento (Williams & Frieze, 2005), problemas ao nível da saúde mental (Dokkedahl & Elklit, 2019; Whitaker et al., 2007), nomeadamente depressão (Forgey & Badger, 2010), problemas físicos como dores crónicas, sensações de asfixia, sintomas gastrointestinais, entre outros (Benavides et al., 2019 Jackson et al., 2014).

Tendo em consideração estas consequências, é importante ter presente que as relações íntimas são uma etapa fulcral da vida das pessoas, que as providencia com sensações de suporte, realização, conexão emocional, entre outras, e, sendo estas relações a estrutura da família (Howe, 2002), torna-se premente perceber o impacto que a VB pode ter nas mesmas, nomeadamente ao nível da satisfação com a relação íntima (SC) (Ulloa & Hammet, 2015).

Satisfação com a Relação Íntima

A SC é um conceito multidimensional, que compreende vários fatores e influências (Panuzio & DiLillo, 2010), como a título de exemplo, amor, características de personalidade, interesses comuns, intimidade, sexo, a existência de violência, entre outros (Bradbury et al., 2000; Billingsley et al., 2005; Graña et al., 2017). A SC pode ser definida como a perceção dos parceiros sobre os custos e benefícios da relação e as atitudes praticadas (Baumeister & Vohs, 2007). Parceiros que percebem mais benefícios com a relação íntima, apresentam-se mais satisfeitos com o outro e com a relação (King, 2016; Baumeister & Vohs, 2007). A literatura atesta que casais mais satisfeitos possuem mais saúde, felicidade e até mais esperança de vida (Stavrova, 2019).

No que concerne aos desafios e dificuldades que fazem parte do ciclo das relações íntimas (Abreu-Afonso et al., 2021), particularmente a violência, as relações com VB são caracterizadas por menor qualidade e menor satisfação (Dokkedahl & Eklit, 2019; Hammett et al., 2017; Marcus, 2012; Yucel, 2018; Yucel & Koydemir, 2015), no entanto, as diferenças significativas surgem em amostras clínicas (Johnson, 1995), ou em casos de violência mais severa (Jackson et al., 2014). Por sua vez, também parece validado que parceiros mais satisfeitos com a relação tendem a ter menos ocorrência de violência física e a reprimir os comportamentos agressivos (Haack et al., 2018), seja perante momentos

de conflito (Graña et al., 2017; Marshall et al., 2011) ou eventos stressantes, como por exemplo, o nascimento do primeiro filho (Eller et al., 2019).

A literatura revela ainda que pessoas com características violentas, tendem a procurar parceiros/as com as mesmas características (Gray & Foshee, 1997). Desta forma, casais com prática de VB são descritos como envolvidos em sistemas fechados (i.e. isolados, sem permeabilidade às influências externas, desgastando-se num consumo de energia apenas interna) (Bertalanffy, 1975), com interação afetiva negativa, baixa empatia, fracas qualidades para a resolução de conflitos, pouco recetivos à ajuda de outros (Marcus, 2012). Estas características causam deterioração longitudinal na satisfação com a relação íntima (Heavey et al., 1993) e eventual dissolução da relação (Dokkedahl et al., 2019).

Relativamente aos tipos de VRI que mais predizem a insatisfação com a relação íntima, a violência psicológica destaca-se, tanto em relações com VB (Lawrence & Bradbury, 2007; Lascorz et al., 2020; Panuzio & DiLillo, 2010; Rada, 2020; Razera et al., 2016; Teten et al., 2009), como em relações com VU (Grãna et al., 2017; Lawrence & Bradbury, 2007; Panuzio & DiLillo, 2010; Rada, 2020; Yoon & Lawrence, 2013), não obstante, por ser difícil de identificar, tem como resultado a sua normalização na relação (Lascorz et al., 2020; Panuzio & DiLillo, 2010; Razera et al., 2016). Atos como a retirada hostil (i.e., o não responder à/ao parceira/o e retirar-se, ignorando-a/o), são dos mais indicados como causadores de insatisfação (Yoon & Lawrence, 2013). No entanto, não só pelo facto de ser a mais perpetrada, bem como se apresentar como preditora de futura perpetração de violência física (Salis et al., 2014; Schumacher & Leonard, 2005; Teten et al., 2009), a violência psicológica é considerada o tipo de violência no qual as consequências se repercutem a mais longo prazo (Dokkedahl et al., 2019; Lindhorst & Oxford, 2008; Temple et al., 2010).

Por seu lado, a VB física, maioritariamente exercida em atos como empurrar, agarrar ou atirar objetos ao parceiro, também está muito presente nestes casais (Curtis et al., 2015; Lawrence & Bradbury, 2007; Teten et al., 2009). Considerada como preditora de insatisfação em níveis semelhantes à VB psicológica (Panuzio & DiLillo, 2010; Yucel, 2018; Yucel & Koydemir, 2015), outros autores referem estar relacionada diretamente com a dissolução da união e não tanto com a satisfação com a relação íntima (Curtis et al., 2015; Jackson et al., 2014; Teten et al., 2009; Yoon & Lawrence, 2013).

Relativamente à coerção sexual, esta aparece como mais praticada por homens (Capinha et al., 2022), mas também pode ser praticada por mulheres (Rada, 2017). A título de exemplo, numa amostra comunitária foram encontrados valores de 23,7% para homens e 12,7% para mulheres (Capinha et al., 2022) e, numa amostra clínica de veteranos, 10,9% para homens e 4,4% para mulheres (Teten et al., 2009).

Os estudos atestam que, tanto para os casais envolvidos em VU, como para os casais envolvidos em VB, a insatisfação é ligeiramente superior (Dokkedahl & Elklit, 2019; Jackson et al., 2014; Panuzio & DiLillo, 2010; Marcus, 2012; Pu et al., 2021; Teten et al., 2009), comparativamente à categoria NV (Marcus, 2012; Teten et al., 2009), no entanto, não se verificam diferenças significativas (Teten et al., 2009).

No que se refere à satisfação específica de homens e mulheres nas relações de intimidade, em coexistência de violência, conforme a cultura e os papéis de género da mesma, podem existir variações (Pardo et al., 2012; Taniguchi & Kaufman, 2013).

Na perspetiva bidirecional, não se encontraram diferenças de género na satisfação dos casais (Curtis et al., 2015), apresentando estes, semelhantes associações psicossociais com os grupos caracterizados por relações NV e com VU (Williams & Frieze, 2005). No entanto, na presença desta forma de violência, outros autores informam que o elevado grau de comprometimento com a relação íntima foi referido como fator de insatisfação

para a mulher (Katz et al., 2002). Também uma maior severidade da violência é assinalada como motivo de insatisfação para o homem (Lawrence & Bradbury, 2007), para a mulher (Ackerman & Field, 2011; Shortt et al., 2010) ou para ambos (Lawrence & Bradbury, 2001). Já na perspectiva unidirecional, estudos salientam a insatisfação do homem no papel de perpetrador (Beam et al., 2018; Çopur, 2020; Jackson et al., 2014; Stith et al., 2007), explicando este resultado como a vergonha que este pode sentir por encetar um comportamento que é socialmente reprovável (Razera et al., 2016; Stith et al., 2007). A literatura informa também que homens insatisfeitos têm mais propensão para a perpetração de VRI (Haack et al., 2018). No que se refere às mulheres, é a vitimação que conduz a um declínio significativo da satisfação das mesmas (Ackerman & Field, 2011; Stith et al., 2007; Ulloa & Hammett, 2015; Williams & Frieze, 2005). Todavia, Lascorz e colegas. (2020) encontraram homens e mulheres perpetradores, que não reconhecem o seu comportamento como agressivo e se sentem ambos satisfeitos, bem como mulheres vítimas que não se reviam como tal, ou retaliavam, apresentando-se igualmente satisfeitas.

Conforme já referido, os casais envolvidos em VB possuem fracas competências para a resolução de conflitos (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Marcus, 2012), recorrendo à violência, predominantemente psicológica, para os resolver (Razera et al., 2016). Na presença de uma comunicação fraca, os casais tendem a ter uma maior ocorrência de todos os tipos de VRI (Johnson, 2006b; Yucel & Koydemir, 2015; Rada, 2020), o que faz com que a comunicação seja um mediador entre a violência e a satisfação (Yucel, 2018). O não ouvir, não responder e deturpar as mensagens do outro são padrões de comportamentos que estes casais utilizam e que lhes traz prejuízo (Lascorz et al., 2020). Estratégias como reconhecer um local e tempo para discutir situações, demonstrar suporte, controlar as emoções, entre outras, estão em deficit nos casais envolvidos em

violência (Cardoso, 2018; Villa & Del Prette, 2013). A falta destas habilidades sociais leva a maior insatisfação na relação (Cardoso & Costa, 2013). Por oposição, os estudos atestam que casais que referem estratégias de negociação para resolver os seus conflitos, como a comunicação, sentem-se mais satisfeitos, felizes e comprometidos com a relação (King, 2016).

Pertinência do estudo

Como referido anteriormente, a VB é uma problemática que pode ter consequências graves nos parceiros envolvidos em relações íntimas (Benavides et al., 2019; Dokkedahl & Elklit, 2019; Forgey & Badger, 2010; Marcus, 2012; Messinger, 2018; Williams & Frieze, 2005; Whitaker et al., 2007). Apesar de ser a forma mais frequente de violência, continua a ser a menos estudada (Gelles, 2017), continuando a serem dominantes os estereótipos de género (Hine et al., 2020b), que colocam o enfoque na mulher como vítima (Ackerman, 2012) e não permitem atribuir outro papel ao homem que não seja o de perpetrador (Machado et. al., 2019). A perpetuação desta visão de papéis de género cria um estigma nos homens vítimas e nas mulheres agressoras e não permite conhecer a realidade dos números (Shuler, 2010).

Por sua vez, as relações íntimas, são parte integrante do ciclo de vida das pessoas, com elevada responsabilidade sobre a saúde e felicidade das mesmas, repercutindo-se em todas as áreas pessoais e sociais (Howe, 2002). A ciência indica-nos que a satisfação com a relação íntima é difícil de alcançar, sendo essa dificuldade perceptível, por exemplo, no elevado número de separações/divórcios (Karney & Bradbury, 2020).

Até à data, pouco se sabe sobre a relação entre a VB e a satisfação com a relação íntima (Panuzio & DiLillo, 2010). Assim, face aos estudos apresentados, fica patente que há ainda um longo caminho de investigações a desenvolver, tanto na compreensão da

problemática da VB, como na influência que esta exerce na satisfação dos casais (Ulloa & Hammet, 2015).

Assim, a escassez de artigos publicados e a desproporcionalidade dos mesmos sobre a VB em relação com a SC, determinou a importância deste estudo, que tem como objetivos: a) analisar se a SC é mais afetada em relações com VB do que em relações sem esse tipo de violência; b) verificar se a VB psicológica é mais prevalente e se influencia a SC; c) averiguar se há diferenças no grau de SC entre homens e mulheres, em relações com VB, e; d) perceber se o uso de estratégias de negociação têm influência na SC. Para tal, colocam-se as seguintes hipóteses: 1) espera-se que a SC seja menor em relações com VB do que em relações sem este formato de violência; 2) é esperado que a violência psicológica seja o tipo de violência mais prevalente e que tenha uma influência negativa na SC; 3) espera-se que não haja diferenças na satisfação com a relação íntima entre homens e mulheres, em relações com VB, e; 4) espera-se que o uso de estratégias de negociação tenha uma influência positiva na SC.

MÉTODO

Amostra/participantes

A amostra total deste estudo foi constituída por 781 participantes. No entanto, a plataforma usada para a recolha das respostas – Qualtrics, utiliza um algoritmo de deteção de preenchimento automático (por bots), que calcula o Q Recaptcha Score para cada conjunto de respostas de cada elemento da amostra, e em que assinala que um valor inferior a 0,5 significa que o preenchimento é feito provavelmente desta forma. Verificaram-se 14 elementos nesta condição (11 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) que, por este motivo, foram eliminados da amostra, passando esta a ser constituída, efetivamente, por 767 elementos.

A amostra constituiu-se por 644 participantes do sexo feminino, 120 do sexo masculino e 2 participantes que se identificaram como não binários. A idade apresentou um valor médio de 28,8 anos ($DP=10,7$), variando entre o mínimo de 18 anos e o máximo de 72 anos.

Na tabela 1, encontram-se outras características demográficas da amostra.

Tabela 1

Dados Sociodemográficos dos Participantes (n= 767)

	n	%
Sexo		
Feminino	644	84,1
Masculino	120	15,6
Não binário	2	,3
Orientação Sexual		
Heterossexual	690	90,0
Lésbica	9	1,2
Queer	2	,3
Gay	9	1,2
Bissexual	41	5,3
Outra	7	,8
Prefiro Não Responder	9	1,2
Nacionalidade		
Portuguesa	729	95,2%
Brasileira	16	2,1
Cabo-Verdiana	16	2,1

Suiça	1	,1
Prefiro Não Responder	1	,1
Relação de Intimidade Atual?		
Sim	598	78,0
Não	164	21,4
Prefiro Não Responder	5	,6
Tem Filhos?		
Sim	201	26,2
Não	566	73,8
Estado Civil/Situação Conjugal		
Solteiro	520	67,9
Casado/União de Facto	195	25,5
Divorciado/Separado	43	5,6
Viúvo	3	,4
Prefiro Não Responder	5	,6
Habilitações Académicas		
2º Ciclo do Ensino Básico (6ºano)	5	,7
3º Ciclo do Ensino Básico (9ºano)	32	4,2
Ensino Secundário (12ºano)	236	30,8
1º Ciclo do Ensino Superior/Licenciatura	333	43,4
2º Ciclo do Ensino Superior/Mestrado	153	19,9
Doutoramento	8	1,0
Situação Profissional		
Empregado	374	48,8
Desempregado	66	8,6

Trabalhador-estudante	70	9,1
Estudante	245	31,9
Reformado	7	,9
Prefiro Não Responder	5	,7
Nível Socioeconómico		
Baixo	81	10,9
Médio-baixo	215	28,9
Médio	341	45,9
Médio-alto	57	7,7
Alto	7	,9
Prefiro Não Responder	42	5,7
Residência		
Continente	742	97,9%
Ilhas	17	2,1%
Local Onde Habita		
Zona Rural	174	22,8%
Zona Urbana	585	76,6%
Prefiro Não Responder	2	,6%

Tabela 2*Tempo, em anos, na relação*

	<i>N</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Há quanto tempo? (anos)	586	6,6 (7,3)	0	44

Verificam-se 12 respostas omissas (do total de elementos que estão numa relação)

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico: este questionário visava a recolha de dados sociodemográficos dos participantes, nomeadamente sexo, orientação sexual, nacionalidade, situação atual da relação, existência de filhos, número de filhos, estado civil, habilitações académicas, situação profissional, profissão, nível socioeconómico, residência, entre outros.

Escala Tática de Conflitos Revista (Conflict Tactics Scale - CTS-2): criada por Straus e colegas (1996) e, adaptada para a população portuguesa por Paiva e Figueiredo (2004), este instrumento pretende, a partir de cinco escalas – agressão física; agressão psicológica; agressão sexual; ferimentos; negociação – que depois se dividem em subescalas com a dimensão ligeira e severa - conhecer, a capacidade de resolução de conflito dos casais através do auto-relato. A escala tem um total de 79 itens, dos quais, 78 são agrupados, numa opção dedicada ao participante e outra sobre o/a seu/sua companheiro/a, com 8 opções de respostas que vão de 1 (uma vez no último ano) a 8 (nunca ocorreu), com a clara distinção entre vitimização e perpetração, e um item (nr. 79) onde se questiona *“Se bateu na/o sua/seu companheira/o, ou se a/o sua/seu companheira/o lhe bateu, pense na última vez em que isso aconteceu. Quem foi a/o primeira/o a bater?”*, com as opções de resposta *““Eu bati primeiro”*; *“A/O minha/meu companheira/o bateu primeiro”* e *“Isso nunca aconteceu”*. Esta escala permite ainda aferir sobre cronicidade, prevalência anual (1) *uma vez no ano anterior* a, 6) *mais de 20 vezes no ano anterior*) e prevalência global de ocorrências (*“7) não no ano anterior, mas ocorreu anteriormente [e a inexistência deste tipo de abuso]”* e *“8) nunca aconteceu”*), oferecendo um total de 30 resultados possíveis. A sua aplicação pode ser individual, com auto-relato sobre o/a companheiro/a ou em díade. No que respeita a cotação, a cronicidade é obtida pela transformação do valor dos itens de cada escala no ponto médio de cada

categoria e soma posterior dos pontos médios dos itens: (1) "1 vez" terá o valor 1, (2) "2 vezes" terá o valor 2, (3) "3 a 5 vezes" terá o valor 4, (4) "6 a 10 vezes" terá o valor 8, (5) "11 a 20 vezes" terá o valor 15, (6) "mais de 20 vezes", teria o valor 25. Para a determinação da cronicidade no ano anterior são considerados *missing* as categorias de respostas (7) e (8). A prevalência anual é determinada atribuindo às respostas assinaladas de 1 a 6 o valor 1 (ocorreu no ano anterior) e às respostas assinaladas 7 e 8 o valor 0 (não ocorreu no ano anterior), e posterior dicotomização dos itens obtendo-se assim a prevalência no ano anterior (Paiva & Figueiredo, 2004). Todas as escalas do CTS-2 foram alvo das análises referidas, neste estudo. Na presente amostra, os valores de consistência encontrados foram superiores para a Escala de Negociação (prática por parte do participante) ($\alpha=0,87$) e da Escala de Agressão Física sem sequelas ($\alpha=0,80$), podendo ser considerados adequados, ou seja, os itens integrantes de cada escala medem de forma adequada essa mesma escala; seguidas da Escala de Agressão Física com sequelas ($\alpha=0,77$) e da Escala de Agressão Psicológica ($\alpha=0,68$), que são considerados aceitáveis, pelo que os itens dessas escalas medem de forma aceitável os respetivos construtos nesta amostra; o valor da consistência interna é baixo para a Escala de Coerção Sexual ($\alpha=0,25$), em que a medida não é realizada de forma aceitável na amostra, sendo afetada fortemente pelo item "CTS2_15. Fiz a/o minha/meu companheira/o ter relações sexuais sem preservativo" que, se fosse retirado da escala provocaria o aumento do valor de Alfa para 0,59, no entanto, como a Escala está validada para a população portuguesa será utilizada na continuidade do trabalho. No que se refere à prática por parte do/a companheiro/a, relatada pelo participante, a Escala de Negociação ($\alpha=0,87$) e a Escala de Agressão Física com sequelas ($\alpha=0,82$) apresentam valores de consistência interna superiores, sendo adequados; seguidas da Escala de Agressão Física sem sequelas ($\alpha=0,76$) e da Escala de Agressão Psicológica ($\alpha=0,72$), ambas podendo ser considerados

aceitáveis; o valor da consistência interna é novamente reduzido para a Escala de Coerção Sexual ($\alpha=0,34$), que também não obtem um valor aceitável, sendo também afetada fortemente pelo item “CTS2_16. A/O minha/meu companheira/o fez isso comigo” que ao ser retirado da escala provocaria o aumento do valor de Alfa para 0,57, também aqui, em virtude da Escala estar validada para a população portuguesa, será utilizada na continuidade do trabalho. É ainda relevante referir que a correlação dos itens com as escalas é sempre positiva e com valores elevados na grande maioria dos casos.

Inventário de Satisfação Conjugal (Kansas Marital Satisfaction Scale - KMSS): criado por Schumm e colegas (1983), adaptado para a população portuguesa por Antunes e colegas (2014). Trata-se de um instrumento que avalia a satisfação com a relação, com o casamento e com o cônjuge, com base em três itens de auto-relato (“*Quão satisfeito/a está com a sua relação de intimidade?*”; “*Quão satisfeito/a está com o/a seu/sua companheiro/a?*”; e, “*Quão satisfeito/a está com a sua relação com o/a seu/sua companheiro/a?*”). As respostas são dadas numa escala de likert entre 1 (*extremamente insatisfeito/a*) e 7 (*extremamente satisfeito/a*). Não foi usado um ponto de corte, por não se encontrar essa referência na adaptação para a população portuguesa. A variável Satisfação com a Relação Íntima (SC) é calculada a partir do somatório das respostas dadas aos 3 itens, variando entre um mínimo possível de 3 e um máximo possível de 21. Na presente amostra, o valor de consistência interna foi elevado ($\alpha=0,96$), considerando-se adequado.

Procedimento

Este estudo obteve a aprovação da Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) e decorre de uma colaboração entre a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (ULHT) e a Universidade Lusófona do Porto (ULP). A sua realização concretizou-se no formato online, através da plataforma

Qualtrics (que obedece ao regulamento nacional de proteção de dados), tendo sido divulgada nacionalmente, em redes informais e formais, compreendendo uma amostra de conveniência com os critérios de inclusão de idade igual ou superior a 18 anos, da existência de uma relação de intimidade, de duração mínima de um mês, atual ou passada e da residência em território nacional.

Aos participantes foi-lhes apresentado o consentimento informado, que continha informações sobre o estudo e a sua pertinência, e garantia o anonimato, a confidencialidade dos dados e o caráter livre da participação. Após obtenção do consentimento informado, foram apresentados aos participantes o questionário demográfico, a Escala Tática de Conflitos Revista (CTS-2) e o Inventário de Satisfação Conjugal (KMSS).

Análise de dados

Após recolha dos dados, os mesmos foram analisados, pelo método quantitativo, através do programa de estatística *Statistical Product and Service Solutions* (SPSS), versão 28.0. Procedeu-se com o tratamento de dados descritivo, apresentando-se, para as variáveis de caracterização, as tabelas de frequências das distribuições de valores verificadas. As variáveis medidas em escala de *Likert* foram analisadas através das categorias apresentadas, enquanto as variáveis quantitativas foram analisadas a partir das escalas criadas, apresentando-se algumas estatísticas relevantes, abordadas por Guimarães e Cabral (2010), como a média (M), o desvio padrão (DP) que representa a dispersão absoluta e os valores mínimos (Min) e máximos (Max) observados.

Relativamente à análise de inferência, quando as amostras em estudo são grandes, a distribuição tende para a normalidade. De acordo com Murteira e colegas (2008), para amostras de dimensão superior a 30 elementos nos grupos em estudo, a violação do pressuposto da normalidade não põe em causa as conclusões (Gravetter & Wallnau, 2000;

Stevens, 1996). Em todas as análises inferenciais, em termos de critério de decisão, quando o valor de prova for igual ou inferior a 5% (0,05), rejeita-se a hipótese nula e aceita-se a hipótese alternativa, caso contrário não se rejeita a hipótese nula.

Resultados

1. Prevalência Anual (Último ano)

Em termos de prevalência anual dos formatos de violência verifica-se que 50,4% dos indivíduos reporta violência bidirecional, 35% não reporta violência, 8,3% reporta perpetração unidirecional, e 6,1% apenas reporta vitimação unidirecional.

A forma de violência mais reportada é a psicológica (43%), seguida da coerção sexual (16,1%), da violência física sem sequelas (9,9%), e, finalmente, da violência física com sequelas (1,2%) (ver tabela 3).

Tabela 3

Prevalência Anual dos Formatos de Violência, Escala de Negociação e Tipos de Violência

	n	%
Formatos de Violência		
V. Unidirecional Perpetração	64	8,3
V. Unidirecional Vitimação	47	6,1
Violência Bidirecional	387	50,4
Escala de Negociação		
Negociação Bidirecional	676	88,0
Escalas de Tipos de Violência		
Violência Psicológica Bidirecional	330	43,0

Coerção Sexual Bidirecional	124	16,1
V. Física Sem Sequelas Bidirecional	76	9,9
V. Física Com Sequelas Bidirecional	9	1,2

3. Prevalência Global (Ao Longo da Vida)

No que se refere à prevalência global (em qualquer altura ao longo da vida) 67,4% dos participantes com assumem Violência Bidirecional, 19,5% Sem Violência, 6,8% com Violência Unidirecional Perpetração, e 6,1% com Violência Unidirecional Vitimação.

A Negociação foi a escala prevalente com 96,2%. Nas escalas de Violência, o valor é superior para a Agressão Psicológica (72,1%), seguida da Coerção Sexual (39,3%), da Agressão Física sem sequelas (34,8%) e da Agressão Física com sequelas (7,8%) (ver tabela 4).

Tabela 4

Prevalência Global dos Formatos de Violência, Escala de Negociação e Tipos de Violência

	n	%
Formatos de Violência		
V. Unidirecional Perpetração	52	6,8
V. Unidirecional Vitimação	47	6,1
Violência Bidirecional	518	67,4
Escala de Negociação		
Negociação Bidirecional	739	96,2
Escala de Tipos de Violência		

Violência Psicológica Bidirecional	554	72,1
Coerção Sexual Bidirecional	302	39,3
V. Física Sem Sequelas Bidirecional	267	34,8
V. Física Com Sequelas Bidirecional	60	7,8

3. Satisfação com a Relação Íntima (SC)

A Escala Kansas Marital Satisfaction Scale - Satisfação Conjugal apresentou um valor médio de 16,1, variando entre o mínimo de 3 e o máximo de 21 (que são os valores mínimo e máximo possíveis da escala).

4. Relação entre a SC - Satisfação Com a Relação Íntima e os formatos de Não Violência, Violência Unidirecional Perpetração, Violência Unidirecional Vitimação e Violência Bidirecional

Não se verificaram diferenças na satisfação com a relação íntima dos participantes envolvidos em violência bidirecional, dos restantes, envolvidos nos formatos de perpetração, de vitimação e dos sem violência. Os participantes sem envolvimento em violência, reportaram mais satisfação (ver tabela 5).

Tabela 5

Estatística descritiva e Teste Anova: Relação entre a SC - Satisfação Com a Relação Íntima e os formatos de Não Violência, Violência Unidirecional Perpetração, Violência Unidirecional Vitimação e Violência Bidirecional

<i>NV (n=243)</i>	<i>VUP (n=57)</i>	<i>VUV (n=45)</i>	<i>VB (n=372)</i>		
<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>p</i>

SC	16.74 (5.21)	15.14 (5.95)	16.37 (4.16)	15,74 (5.21)	2.485	.060
----	--------------	--------------	--------------	--------------	-------	------

5. Prevalência dos Tipos de Violência e diferenças na satisfação com a relação íntima, em função da presença de violência psicológica bidirecional.

Conforme a tabela 2, a violência psicológica é prevalente (43%), seguida da coerção sexual (16,1%), da violência física sem sequelas (9,9%) e, da violência física com sequelas bidirecional (1,2%).

Apesar de prevalente, a violência psicológica bidirecional, não influencia negativamente a satisfação com a relação íntima ($p=.285$) (ver tabela 6).

Tabela 6

Estatística descritiva e Teste t Student: SC – Prevalência dos Tipos de Violência e diferenças na satisfação com a relação íntima, em função da presença de violência psicológica bidirecional.

VPB (n=330)			
	<i>M (DP)</i>	<i>t(309)</i>	<i>p</i>
SC	15.62 (5.28)	1,071	.285

6. Diferenças na satisfação com a relação íntima, entre homens e mulheres envolvidos em violência bidirecional.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres ao nível da satisfação com a relação íntima ($p=.101$). Ainda assim, foram as mulheres as que apresentaram valores mais elevados de satisfação (ver tabela 7).

Tabela 7

Diferenças na satisfação com a relação íntima, entre homens e mulheres envolvidos em violência bidirecional – Teste t Student

	Sexo		<i>t</i> (309)	<i>p</i>
	Feminino (n=309)	Masculino (n=62)		
	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>F</i> (<i>DP</i>)		
SC	14,74 (5.50)	15,93 (5.14)	-1,643	.101

7. Diferenças na satisfação com a relação íntima, entre os grupos com e sem negociação bidirecional.

A SC foi superior para a prática de Negociação Bidirecional ($M=15,84$), em comparação com a não prática ($M=15,14$), mas, as diferenças não se revelaram significativas ($p=.366$) (ver tabela 8).

Tabela 8

Estatística descritiva e Teste t Student: Diferenças na satisfação com a relação íntima, entre os grupos com e sem negociação bidirecional

	NB – Estratégias de Negociação Bidirecionais		<i>t</i> (318)	<i>p</i>
	Não (N=54)	Sim (N=318)		
	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)		
SC	15.14 (6.31)	15.84 (5.00)	-,905	.366

Discussão

A presente investigação propôs-se a analisar de que forma a Violência Bidirecional pode impactar a Satisfação com a Relação Íntima, contando com uma amostra comunitária de 767 indivíduos.

No que se refere à hipótese da satisfação com a relação íntima nas relações com VB, confirma-se que esta é menor quando comparada com relações sem violência, no entanto, estas diferenças não são significativas. De referir que amostras comunitárias não apresentam diferenças na satisfação ou apresentam diferenças pouco significativas (Jackson et al., 2014). Todavia, o facto de, na presença de qualquer tipo de violência, os indivíduos manterem a satisfação, sugere que a violência está a ser tolerada, normalizada, nas relações (Razera et al., 2016) e que, a insatisfação é atribuída a outros fatores (Bradbury et al., 2000; Lascorz et al., 2020; Teten et al., 2009; Williams & Frieze, 2005). Outra explicação pode centrar-se em características de personalidade semelhantes que se definem por busca de emoção (Williams & Frieze, 2005). De acordo com Borochowitz e Eisikovits (2002), os casais descrevem a violência como uma “válvula de pressão”, que regula os processos interpessoais. Ou seja, os elementos da relação, identificaram uma violência que surge como resultado da dificuldade de definição e regulação do amor, sendo esta o veículo de preservação do amor e expressão de uma necessidade em relação ao parceiro. Estes casais colocam o seu ênfase no amor que sentem pelo outro, referindo a violência como um elemento de ligação romântica ou como uma prática que se separa totalmente do amor, que aparece para correção de atos que não agradaram ao outro, mas que não interferem na relação. O tempo de relação também é tido em consideração, havendo investigações que relatam que relações recentes sentem elevada satisfação (Panuzio & DiLillo, 2010). Em suma, há que salientar que esta amostra apresentou um elevado grau de satisfação com a relação íntima, indicando que os casais

se mantêm globalmente satisfeitos com a sua relação, independentemente da existência de violência ou não (Williams & Frieze, 2005).

Relativamente à segunda hipótese “*é esperado que a Violência Psicológica seja a tipologia de violência mais prevalente e que tenha uma influência negativa na SC*”, os resultados corroboraram a prevalência desta tipologia (Graña et al., 2017; Lawrence & Bradbury, 2007; Lascorz et al., 2020; Panuzio & DiLillo, 2010; Rada, 2020; Razera et al., 2016; Teten et al., 2009). No entanto, contrariamente aos estudos de Panuzio e DiLillo (2010), Razera e colegas (2016), Yucel (2018), Yucel e Koydemir (2015) e Yoon e Lawrence (2013), não se verificou uma influência negativa da violência psicológica bidirecional, na satisfação com a relação íntima. Ainda assim, de acordo com Panuzio e DiLillo (2010), esta tipologia de violência pode ser muito prejudicial nas relações, pelo tipo de mensagem que é considerada por estes autores como “*tóxica*”. São múltiplas as razões para que esta seja a tipologia de violência predominante, nomeadamente o facto de ser mais subtil e de difícil identificação (Panuzio & DiLillo, 2010; Lascorz et al., 2020). O facto de, nesta amostra, não terem sido encontrados resultados estatisticamente significativos pode estar relacionado com a normalização desta tipologia de violência na dinâmica relacional (Lascorz et al., 2020). Outro fator prende-se com, grande parte da violência psicológica exercida na era da tecnologia, é online, mais por jovens adultos e, apesar desta população reconhecer que a violência é mais praticada online que pessoalmente, a maioria refere não ser vítima desses comportamentos (Sánchez-Hernández et al., 2020).

Outra pretensão deste estudo, prendia-se com a terceira hipótese “*espera-se que não hajam diferenças na satisfação com a relação íntima entre homens e mulheres, em relações com VB*”. Maioritariamente, as investigações não encontram diferenças significativas para homens e mulheres nas relações com violência bidirecional (Curtis et

al., 2015; Panuzio & DiLillo, 2010; Williams & Frieze, 2005), em conformidade com os resultados encontrados no presente estudo.

As razões para que homens e mulheres permaneçam satisfeitos na sua relação íntima, mesmo quando há violência bidirecional, prende-se, possivelmente, com o formato de agressão bidirecional, que incute sensação da falta de uma figura de poder dominante (Follingstad et al., 2012), ou pelo facto de valorizarem mais outros aspetos da relação, como a divisão das tarefas domésticas ou a satisfação com a relação sexual (Yucel & Koydemir, 2015). Pode ainda explicar-se pela baixa severidade da violência (Ackerman, 2012; Capaldi et al., 2010; Curtis et al., 2015; Jackson et al., 2014; Panuzio & DiLillo, 2010). Há ainda que contemplar que esta investigação contou com uma amostra com um tempo médio de relação de 6 anos, o que revalida investigações recentes, que apontam um elevado grau de satisfação, para homens e mulheres, no início da relação (Panuzio & DiLillo, 2010).

No entanto, não deixa de ser preocupante que na presença de qualquer tipo de violência os indivíduos se mantenham satisfeitos com a relação, levando-nos mais uma vez a constatar a normalização da violência nas relações íntimas (Razera et al, 2016).

Por último, esperava-se que o uso de estratégias de negociação tivesse uma influência positiva na SC, o que não se confirmou. Há que ponderar que esta foi uma amostra que relatou uma percentagem distinta de estratégias de negociação, pelo que a explicação para que não tenha existido uma influência positiva na SC pode residir no facto de o grau de satisfação dos participantes já ser elevado, podendo a satisfação ser um mediador na relação com a VB (Curtis et al., 2015). Por outro lado, há autores que apontam pouca relação entre a comunicação positiva e a satisfação com a relação íntima (Markman et al., 2010).

Apesar de não ser propósito deste estudo, um dos resultados que mais se destacou foi, à semelhança de investigações anteriores, a elevada prevalência de Violência Bidirecional, uma vez que na presente amostra foi o formato de violência mais relatado (Capaldi et al., 2009, 2012; Capinha et al., 2022; Gray & Foshee, 2015; Hine et al., 2020a; Langhinrichsen-Rohling, 2010; Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Lascorz et al., 2020; Machado et al., 2019; Palmetto et al., 2013; Sousa, 2021; Williams & Frieze, 2005). Este resultado implica que se dirija um olhar mais atento à problemática da violência nas relações íntimas e se tenha em consideração que, maioritariamente, existe perpetração dos dois elementos do casal e é premente criarem-se programas de intervenção adequados a este formato de violência (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Rosen et al., 2005).

As conclusões aqui evidenciadas, apesar de exigirem atenção para as suas limitações, apelam à imperativa e inadiável necessidade de observar as relações íntimas num todo, sem estereótipos, mas sim com a isenção que a ciência demanda (Wu et al., 2015).

Limitações

Apesar das contribuições deste estudo para o aprofundamento do conhecimento desta temática, estiveram presentes limitações intrínsecas. Devido à pandemia de Covid-19, a recolha de participantes foi realizada online e, pese embora este método seja apontado como potencial na redução de receio de resposta e desejabilidade social, a verdade é que acarreta outros desafios, nomeadamente o formato de divulgação, em redes sociais formais e informais, que atraem um determinado tipo de participantes, mais jovem, não permitindo uma aferição mais ampla, que englobe outros escalões etários. Ao nível da desejabilidade social, apesar deste meio oferecer total anonimato, o ser humano tende a apresentar respostas que se enquadrem nos padrões, considerados adequados, da comunidade, pelo que pode estar presente nas respostas dadas (Andrade, 2020).

Em termos de representatividade, a amostra de conveniência apresenta-se como uma limitação (Andrade, 2020), e, neste estudo, não foi exceção, uma vez que se obteve um número consideravelmente desproporcional de mulheres em relação a homens e um número residual de minorias sexuais, mais uma vez, não permitindo aferições que proporcionariam um conhecimento mais abrangente. Por outro lado, Jackson e colegas (2014) atestam que as pessoas que sofrem de quaisquer tipos de abusos têm maior tendência a responder a questionários relativos ao tema, motivo pelo qual esta amostra pode não ser representativa do universo de homens e mulheres na sociedade.

Também o instrumento CTS-2 é alvo de críticas, referindo os autores (Jones et al., 2017) que os valores de perpetração apresentam uma tendência para a simetria de gênero e que esta escala falha em identificar a motivação para as ocorrências, salientando que a auto-defesa das mulheres poderá ser mal interpretada. No entanto, é preciso destacar que este é um dos instrumentos mais usados para medir a conflitualidade e violência entre os casais, precisamente pela fidelidade dos valores de consistência interna que apresenta.

A falta de homogeneidade do termo que considera a violência bidirecional, dificultou a pesquisa de artigos. E a escassez de investigações estende-se, de forma mais acentuada, na análise deste formato de violência com a satisfação com a relação íntima.

Implicações práticas

Tal como demonstrado neste estudo, investigações recentes têm apontado a VB como a forma de violência mais frequente (Capaldi et al., 2009, 2012; Hine et al., 2020a; Langhinrichsen-Rohling, 2010; Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Lascorz et al., 2020; Machado et al., 2019; Palmetto et al., 2013; Sousa, 2021; Williams & Frieze, 2005). Assim, é fundamental que se encare esta problemática de uma forma mais global, substituindo estereótipos e crenças patriarcais, por dados científicos. Só na presença de conhecimento científico se podem formar os profissionais da área, nomeadamente as

forças policiais, tribunais, técnicos, entre outros, e desenvolver planos de sensibilização e intervenção eficazes, inclusivos, para homens e mulheres. Equitativamente, é da maior importância perceber o grau de satisfação destes casais. Este estudo não encontrou diferenças no grau de satisfação e o valor da satisfação é considerado elevado para a violência bidirecional envolvida, o que leva a supor uma normalização da violência, naturalmente preocupante.

Conhecer melhor a problemática da VB vai permitir que se façam aferições realistas, contemplando os dois elementos do casal e os fatores e influências que podem prever a agressão. Clarificar o impacto da VB na SC é essencial, pois permitirá às políticas de prevenção e intervenção nesta área, obter um maior conhecimento científico, que por sua vez, irá contribuir para uma avaliação e atuação mais eficaz, com vista a diminuir os efeitos negativos (e.g., psicológicos e físicos). Igualmente, contribui para dar visibilidade a esta problemática, considerar a mulher como perpetradora e o homem como vítima, ajudando a uma mudança de mentalidades, da comunidade, através de uma maior informação e consequente capacitação.

Estudos Futuros

É imperativo que estudos futuros estabeleçam um conceito uniforme para este formato de violência, com vista a uma sistematização das investigações e melhor identificação do fenómeno.

Importa, igualmente, considerar a díade, por forma a perceber fatores circunstanciais acerca do evento, nomeadamente as causas e razões que o despoletaram, possíveis sequências e as consequências, para ambos os elementos do casal (Kenny et al., 2006)

Por último, considera-se importante a realização de estudos longitudinais, que certamente, poderão fornecer informação mais precisa sobre as flutuações da violência, satisfação e dissolução das relações.

Referências Bibliográficas

- Abreu-Afonso, J., Ramos, M. M., Queiroz-Garcia, I., & Leal, I. (2021). How Couple's Relationship Lasts Over Time? A Model for Marital Satisfaction. *Psychological Reports*, 003329412110006. <https://doi.org/10.1177/00332941211000651>
- Ackerman, J. M. (2012). The Relevance of Relationship Satisfaction and Continuation to the Gender Symmetry Debate. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(18), 3579–3600. <https://doi.org/10.1177/0886260512447579>
- Andrade C. (2020). The Limitations of Online Surveys. *Indian Journal of Psychological Medicine*. 42(6):575-576. doi:10.1177/0253717620957496
- Archer, J. (2002). Sex differences in physically aggressive acts between heterosexual partners. *Aggression and Violent Behavior*, 7(4), 313–351. [https://doi.org/10.1016/s1359-1789\(01\)00061-1](https://doi.org/10.1016/s1359-1789(01)00061-1)
- Babcock, J. C., Snead, A. L., Bennett, V. E., & Armenti, N. A. (2019). Distinguishing Subtypes of Mutual Violence in the Context of Self-Defense: Classifying Types of Partner Violent Couples Using a Modified Conflict Tactics Scale. *Journal of Family Violence*, 34(7), 687–696. <https://doi.org/10.1007/s10896-018-0012-2>
- Bates, E. A. (2016). Current Controversies within Intimate Partner Violence: Overlooking Bidirectional Violence. *Journal of Family Violence*, 31(8), 937–940. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9862-7>
- Bates, E. A. (2019). “No one would ever believe me”: An exploration of the impact of intimate partner violence victimization on men. *Psychology of Men & Masculinities*, 21(4). <https://doi.org/10.1037/men0000206>
- Bates, E. A., Klement, K. R., Kaye, L. K., & Pennington, C. R. (2019). The Impact of Gendered Stereotypes on Perceptions of Violence: A Commentary. *Sex Roles*, 81(1-2), 34–43. <https://doi.org/10.1007/s11199-019-01029-9>

- Baumeister, R., & Vohs, K. (2007). *Marital Satisfaction*. SAGE Knowledge; SAGE Publications, Inc. <https://sk.sagepub.com/reference/socialpsychology/n323.xml>
- Beam, C. R., Marcus, K., Turkheimer, E., & Emery, R. E. (2018). Gender Differences in the Structure of Marital Quality. *Behavior Genetics*, 48(3), 209–223. <https://doi.org/10.1007/s10519-018-9892-4>
- Benavides, M. O., Berry, O. O., & Mangus, M. (2019). *Intimate Partner Violence*. American Psychiatry Association. <https://www.psychiatry.org/Psychiatrists/Diversity/Education/Intimate-Partner-Violence>
- Beydoun, H. A., Beydoun, M. A., Kaufman, J. S., Lo, B., & Zonderman, A. B. (2012). Intimate partner violence against adult women and its association with major depressive disorder, depressive symptoms and postpartum depression: A systematic review and meta-analysis. *Social Science & Medicine*, 75(6), 959–975. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2012.04.025>
- Bertalanffy, L. V. (1975) *Teoria Geral dos Sistemas*, 2ª, Editora Vozes, Petrópolis, RJ.
- Billingsley, S., Lim, M-G., Caron, J., Harris, A., & Canada, R. (2005). Historical overview of criteria for marital and family success. *Family Therapy: The Journal of the California Graduate School of Family Psychology*, 32(1), 1-14.
- Borochowitz, D. Y., & Eisikovits, Z. (2002). To love violently: Strategies for reconciling love and violence. *Violence Against Women*, 8(4), 476–494. <https://doi.org/10.1177/10778010222183170>
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the Nature and Determinants of Marital Satisfaction: A Decade in Review. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 964–980. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00964.x>

- Burelomova, A. S., Gulina, M. A., & Tikhomandritskaya, O. A. (2018). Intimate Partner Violence: An Overview of the Existing Theories, Conceptual Frameworks, and Definitions. *Psychology in Russia: State of the Art*, 11(3), 128–144. <https://doi.org/10.11621/pir.2018.0309>
- Capaldi, D. M., Shortt, J. W., Kim, H. K., Wilson, J., Crosby, L., & Tucci, S. (2009). Official Incidents of Domestic Violence: Types, Injury, and Associations With Nonofficial Couple Aggression. *Violence and Victims*, 24(4), 502–519. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.24.4.502>
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W., & Kim, H. K. (2012). A Systematic Review of Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231–280. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.231>
- Capinha M, Rijo D, Pereira M, Matos M. (2022). The Prevalence, Directionality, and Dyadic Perpetration Types of Intimate Partner Violence in a Community Sample in Portugal: a Gender-Inclusive Inquiry. *Eur J Crim Pol Res*. 6:1-18. doi: 10.1007/s10610-022-09514-w
- Cardoso, Bruno & Costa, Nazaré. (2019). Marital Social Skills and Marital Satisfaction of Women in Situations of Violence. *Psico-USF*. 24. 299-310. 10.1590/1413-82712019240207
- Cardoso, B. L. A. (2018). Foi apenas um sonho: análise, conceitualização e treinamento de habilidades sociais conjugais. Em: B. L. A. Cardoso & J. B. Barletta (Orgs.). *Terapias Cognitivo-Comportamentais: analisando teoria e prática por meio de filmes* (pp. 403-426). Nova Hamburgo: Sinopsys
- Centers for Disease Control and Prevention. (2019). Intimate partner violence. Retrieved from <https://www.cdc.gov/violenceprevention/intimatepartnerviolence/index.html>

- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2005). Hegemonic Masculinity: Rethinking The Concept. *Gender & Society, 19*(6), 829–859.
<https://doi.org/10.1177/0891243205278639>
- Çopur, Z. (2020). Gender Differences in Determinants of Family Life, Marital Quality, and Marital. *International Journal of Eurasia Social Sciences, 11*(40), 358–379.
<https://doi.org/10.35826/ijoess.2720>
- Curtis, D. S., Epstein, N. B., & Wheeler, B. (2015). Relationship Satisfaction Mediates the Link Between Partner Aggression and Relationship Dissolution. *Journal of Interpersonal Violence, 32*(8), 1187–1208.
<https://doi.org/10.1177/0886260515588524>
- Dokkedahl, S. & Elklit, A. (2019). Understanding the Mutual Partner Dynamic of Intimate Partner Violence: A Review. *Partner Abuse, 10*(3), 298–335.
<https://doi.org/10.1891/1946-6560.10.3.298>
- Dokkedahl, S., Kok, R. N., Murphy, S., Kristensen, T. R., Bech-Hansen, D., & Elklit, A. (2019). The psychological subtype of intimate partner violence and its effect on mental health: protocol for a systematic review and meta-analysis. *Systematic Reviews, 8*(1). <https://doi.org/10.1186/s13643-019-1118-1>
- Eller, J., Marshall, E. M., Rholes, W. S., Vieth, G., & Simpson, J. A. (2019). Partner predictors of marital aggression across the transition to parenthood: An I3 approach. *Journal of Social and Personal Relationships, 36*(5), 1491–1508.
<https://doi.org/10.1177/0265407518809538>
- Flynn A, Graham K. (2010). "Why did it happen?" A review and conceptual framework for research on perpetrators' and victims' explanations for intimate partner violence. *Aggress Violent Behav. May;15*(3):239-251. doi: 10.1016/j.avb.2010.01.002. PMID: 20436933; PMCID: PMC2861355.

- Follingstad, D. R., Rogers, M. J., & Duvall, J. L. (2012). Factors Predicting Relationship Satisfaction, Investment, and Commitment When Women Report High Prevalence of Psychological Abuse. *Journal of Family Violence, 27*(4), 257–273. <https://doi.org/10.1007/s10896-012-9422-8>
- Forgey, M. A. & Badger, L. (2010). Patterns of Intimate Partner Violence and Associated Risk Factors Among Married Enlisted Female Soldiers. *Violence and Victims, 25*(1), 45–61. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.25.1.45>
- Gelles, R. J. (2017). Intimate violence and abuse in families. Oxford University Press
- Graham, K., Bernards, S., Flynn, A., Tremblay, P. F., & Wells, S. (2012). Does the Relationship Between Depression and Intimate Partner Aggression Vary by Gender, Victim–Perpetrator Role, and Aggression Severity? *Violence and Victims, 27*(5), 730–743. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.27.5.730>
- Graña, J. L., Cuenca, M. L., & Redondo, N. (2017). Relationship satisfaction and interpartner agreement about acts of physical and psychological aggression: a multilevel analysis. *BMC Psychiatry, 17*(1). <https://doi.org/10.1186/s12888-017-1452-6>
- Gravetter, F.J. & Wallnau, L.B. (2000). Statistics for the behavioral sciences, 5th ed. Belmont: Wadsworth – Thomson Learning
- Gray, H. M., & Foshee, V. (1997). Adolescent dating violence: Differences between one-sided and mutually violent profiles. *Journal of Interpersonal Violence, 12*(1), 126–141. <https://doi.org/10.1177/088626097012001008>
- Haack, K. R., Pressi, J., & Falcke, D. (2018). Predictors of Marital Physical Violence: Personal and Relational Characteristics. *Psico-USF, 23*(2), 241–252. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230205>

- Hammett, J. F., Lavner, J. A., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2017). Intimate Partner Aggression and Marital Satisfaction: A Cross-Lagged Panel Analysis. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626051774760. <https://doi.org/10.1177/0886260517747607>
- Heavey, C. L., Layne, C., & Christensen, A. (1993). Gender and conflict structure in marital interaction: A replication and extension. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61(1), 16–27. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.61.1.16>
- Hine, B., Bates, E. A., & Wallace, S. (2020a). “I Have Guys Call Me and Say ‘I Can’t Be the Victim of Domestic Abuse’”: Exploring the Experiences of Telephone Support Providers for Male Victims of Domestic Violence and Abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626052094455. <https://doi.org/10.1177/0886260520944551>
- Hine, B., Noku, L., Bates, E. A., & Jayes, K. (2020b). But, Who Is the Victim Here? Exploring Judgments Toward Hypothetical Bidirectional Domestic Violence Scenarios. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626052091750. <https://doi.org/10.1177/0886260520917508>
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2009). Women’s Use of Intimate Partner Violence against Men: Prevalence, Implications, and Consequences. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 18(6), 572–586. <https://doi.org/10.1080/10926770903103099>
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2010a). Intimate terrorism by women towards men: does it exist? *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 2(3), 36–56. <https://doi.org/10.5042/jacpr.2010.0335>

- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2010b). A Closer Look at Men Who Sustain Intimate Terrorism by Women. *Partner Abuse, 1*(3), 286–313. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.1.3.286>
- Holmes, S. C., Johnson, N. L., Rojas-Ashe, E. E., Ceroni, T. L., Fedele, K. M., & Johnson, D. M. (2019). Prevalence and Predictors of Bidirectional Violence in Survivors of Intimate Partner Violence Residing at Shelters. *Journal of Interpersonal Violence, 34*(16), 3492–3515. <https://doi.org/10.1177/0886260516670183>
- Howe, F. (2002). The Value of Intimate Relationships and the Challenge of Conflict. *Journal of Invitational Theory and Practice, 8*. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ775614.pdf>
- Jackson CL, Ciciolla L, Crnic KA, Luecken LJ, Gonzales NA, Coonrod DV. (2015) Intimate partner violence before and during pregnancy: related demographic and psychosocial factors and postpartum depressive symptoms among Mexican American women. *J Interpers Violence. Feb;30(4):659-79. doi: 10.1177/0886260514535262.*
- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of Violence against Women. *Journal of Marriage and the Family, 57*(2), 283. <https://doi.org/10.2307/353683>
- Johnson, M. P. (2005). Domestic Violence: It's Not About Gender-Or Is It? *Journal of Marriage and Family, 67*(5), 1126–1130. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2005.00204.x>
- Johnson, M. P. (2006a). Conflict and control: Gender symmetry and asymmetry in domestic violence. *Violence against Women, 12*(11), 1003–1018. <https://doi.org/10.1177/1077801206293328>

- Johnson, M. (2006b). Gendered communication and intimate partner violence. In M. Johnson *Gendered communication and intimate partner violence* (pp. 71-88). SAGE Publications, Inc., <https://dx.doi.org/10.4135/9781412976053>
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2020). Research on Marital Satisfaction and Stability in the 2010s: Challenging Conventional Wisdom. *Journal of Marriage and Family*, 82(1), 100–116. <https://doi.org/10.1111/jomf.12635>
- Katz, J., Carino, A., & Hilton, A. (2002). Perceived verbal conflict behaviors associated with physical aggression and sexual coercion in dating relationships: A gender-sensitive analysis. *Violence and Victims*, 17, 93–109.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. Guilford Press.
- King, M. E. (2016). Marital Satisfaction. *Encyclopedia of Family Studies*, 1–2. <https://doi.org/10.1002/9781119085621.wbef054>
- Langhinrichsen-Rohling, J. (2010). Controversies Involving Gender and Intimate Partner Violence: Response to Commentators. *Sex Roles*, 62(3-4), 221–225. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9743-0>
- Langhinrichsen-Rohling, J., Misra, T. A., Selwyn, C., & Rohling, M. L. (2012). Rates of Bidirectional Versus Unidirectional Intimate Partner Violence Across Samples, Sexual Orientations, and Race/Ethnicities: A Comprehensive Review. *Partner Abuse*, 3(2), 199–230. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.199>
- Lascorz, A., Yubero, S., & Larrañaga, E. (2020). Subtle Psychological Violence and Couple Satisfaction among University Students. *Open Journal of Social Sciences*, 08(03), 364–382. <https://doi.org/10.4236/jss.2020.83033>
- Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2001). Physical aggression and marital dysfunction: A longitudinal analysis. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 135–154. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.1.135>

- Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2007). Trajectories of change in physical aggression and marital satisfaction. *Journal of Family Psychology, 21*(2), 236–247. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.2.236>
- Lawson, J. (2012). Sociological Theories of Intimate Partner Violence. *Journal of Human Behavior in the Social Environment, 22*(5), 572–590. <https://doi.org/10.1080/10911359.2011.598748>
- Leisring, P. A., & Grigorian, H. L. (2016). Self-Defense, Retaliation, and Gender: Clarifying Motivations for Physical Partner Violence. *Journal of Family Violence, 31*(8), 949–953. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9874-3>
- Lindhorst, T., & Oxford, M. (2008). The long-term effects of intimate partner violence on adolescent mothers' depressive symptoms. *Social Science & Medicine, 66*(6), 1322–1333. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2007.11.045>
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2016). Exploring Help Seeking Experiences of Male Victims of Female Perpetrators of IPV. *Journal of Family Violence, 32*(5), 513–523. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9853-8>
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2019). The prevalence of Bi-Directional intimate partner violence reported by Portuguese men. *International Journal of Law, Crime and Justice, 57*, 83–90. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2019.03.002>
- Mackay, J., Bowen, E., Walker, K., & O'Doherty, L. (2018). Risk factors for female perpetrators of intimate partner violence within criminal justice settings: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior, 41*, 128–146. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.06.004>

- Marcus, R. F. (2012). Patterns of Intimate Partner Violence in Young Adult Couples: Nonviolent, Unilaterally Violent, and Mutually Violent Couples. *Violence and Victims, 27*(3), 299–314. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.27.3.299>
- Markman, H. J., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Ragan, E. P., & Whitton, S. W. (2010). The premarital communication roots of marital distress and divorce: The first five years of marriage. *Journal of Family Psychology, 24*(3), 289–298. <https://doi.org/10.1037/a0019481>
- Marshall, A. D., Panuzio, J., Makin-Byrd, K. N., Taft, C. T., & Holtzworth-Munroe, A. (2011). A Multilevel Examination of Interpartner Intimate Partner Violence and Psychological Aggression Reporting Concordance. *Behavior Therapy, 42*(3), 364–377. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2010.09.003>
- McCarrick, J., Davis-McCabe, C., & Hirst-Winthrop, S. (2015). Men's Experiences of the Criminal Justice System Following Female Perpetrated Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence, 31*(2), 203–213. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9749-z>
- Messinger, A. M. (2018). Bidirectional Same-Gender and Sexual Minority Intimate Partner Violence. *Violence and Gender, 5*(4), 241–249. <https://doi.org/10.1089/vio.2018.0001>
- Murteira, B. J. F., Silva, J. A., Pimenta, C., & Ribeiro, C. S. (2008). *Introdução à Estatística* (Mc Graw-Hill, Ed.; 2ª ed.) [Review of *Introdução à Estatística*]
- Paiva, Carla & Figueiredo, Barbara. (2004). Abuso no relacionamento íntimo : estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. v. 36, p. 75-107
- Palmetto, N., Davidson, L. L., & Rickert, V. I. (2013). Predictors of Physical Intimate Partner Violence in the Lives of Young Women: Victimization, Perpetration, and

- Bidirectional Violence. *Violence and Victims*, 28(1), 103–121.
<https://doi.org/10.1891/0886-6708.28.1.103>
- Panuzio, J., & DiLillo, D. (2010). Physical, Psychological, and Sexual Intimate Partner Aggression Among Newlywed Couples: Longitudinal Prediction of Marital Satisfaction. *Journal of Family Violence*, 25(7), 689–699.
<https://doi.org/10.1007/s10896-010-9328-2>
- Pardo, Y., Weisfeld, C., Hill, E., & Slatcher, R. B. (2012). Machismo and Marital Satisfaction in Mexican American Couples. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 44(2), 299–315. <https://doi.org/10.1177/0022022112443854>
- Pu DF, Rodriguez CM, Dimperio MD. (2022). Factors Distinguishing Reciprocal Versus Nonreciprocal Intimate Partner Violence Across Time and Reporter. *J Interpers Violence*. Aug;37(15-16):NP13654-NP13684. doi: 10.1177/08862605211001475
- Rada C. (2017). Latent class analysis approach for the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV among young people from Romania: the first step for validation. *J Fam Issues* 39(6):1598–1615.
<https://doi.org/10.1177/0192513x17714508>
- Rada, C. (2020). Violence, communication, and satisfaction among middle-aged adults and older people from Romania. *Humanit Soc Sci Commun* 7, 109.
<https://doi.org/10.1057/s41599-020-00594-9>
- Rakovec-Felser, Z. (2014). Domestic violence and abuse in intimate relationship from public health perspective. *Health Psychology Research*, 2(3).
<https://doi.org/10.4081/hpr.2014.1821>

- Razera, J., Gaspodini, I. B., & Falcke, D. (2017). Intimate Partner Violence and Gender A/Symmetry: An Integrative Literature Review. *Psico-USF*, 22(3), 401–412.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712017220302>
- Razera, J., Mosmann, C. P., & Falcke, D. (2016). The Interface Between Quality and Violence in Marital Relationships. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 26(63), 71–79.
<https://doi.org/10.1590/1982-43272663201609>
- Richard T. Jones, Kevin Browne, Shihning Chou (2017). A critique of the revised Conflict Tactics Scales-2 (CTS-2), *Aggression and Violent Behavior*, Volume 37, Pages 83-90, ISSN 1359-1789, <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.08.005>
- Rosen, K. H., Stith, S. M., Few, A. L., Daly, K. L., & Tritt, D. R. (2005). A qualitative investigation of Johnson's typology. *Violence and Victims*, 20(3), 319–334
- Salis, K. L., Kliem, S., & O'Leary, K. D. (2014). Conditional Inference Trees: A Method for Predicting Intimate Partner Violence. *Journal of Marital and Family Therapy*, 40(4), 430–441. <https://doi.org/10.1111/jmft.12089>
- Sánchez-Hernández, M. Dolores & Herrera, Mari & Expósito, Francisca. (2020). Controlling Behaviors in Couple Relationships in the Digital Age: Acceptability of Gender Violence, Sexism, and Myths about Romantic Love. *Psychosocial Intervention*. 29. 000-000. [10.5093/pi2020a1](https://doi.org/10.5093/pi2020a1)
- Saunders, D. G. (1986). When Battered Women Use Violence: Husband-Abuse or Self-Defense? *Violence and Victims*, 1(1), 47–60. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.1.1.47>
- Schumacher, J. A., & Leonard, K. E. (2005). Husbands' and Wives' Marital Adjustment, Verbal Aggression, and Physical Aggression as Longitudinal Predictors of

- Physical Aggression in Early Marriage. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(1), 28–37. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.73.1.28>
- Shortt JW, Capaldi DM, Kim HK, Laurent HK. (2010). The Effects of Intimate Partner Violence on Relationship Satisfaction Over Time for Young At-Risk Couples: The Moderating Role of Observed Negative and Positive Affect. *Partner Abuse*. 1(2):131-152. doi: 10.1891/1946-6560.1.2.131. PMID: 20411024; PMCID: PMC2856925.
- Shuler, C. (2010). Male Victims of Intimate Partner Violence in the United States: An Examination of the Review of Literature through the Critical Theoretical Perspective [Review of *Male Victims of Intimate Partner Violence in the United States: An Examination of the Review of Literature through the Critical Theoretical Perspective*]. *International Journal of Criminal Justice Sciences*, 5(1), 163–173.
- Sousa, C. (2021). *A Violência Bidirecional em Relações de Intimidade: Uma Revisão Sistemática* (pp. 25–27) [Review of *A Violência Bidirecional em Relações de Intimidade: Uma Revisão Sistemática*]. https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/12663/1/VF_SOUSA_Catarina_MPF_2021_1de1.pdf
- Stavrova, O. (2019). Having a Happy Spouse Is Associated With Lowered Risk of Mortality. *Psychological Science*, 30(5), 798–803. <https://doi.org/10.1177/0956797619835147>
- Steinmetz, S. K. (1978). The Battered Husband Syndrome [Review of *The Battered Husband Syndrome*]. *Victimology: An International Journal*, 2(3-4), 499–509
- Stevens, J. (1996). *Applied multivariate statistics for the social sciences* (3rd ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

- Stewart DE, MacMillan H, Kimber M. (2021). Recognizing and Responding to Intimate Partner Violence: An Update. *The Canadian Journal of Psychiatry*. 66(1):71-106. doi:10.1177/0706743720939676
- Stith, S. M., Green, N. M., Smith, D. B., & Ward, D. B. (2007). Marital Satisfaction and Marital Discord as Risk Markers for Intimate Partner Violence: A Meta-analytic Review. *Journal of Family Violence*, 23(3), 149–160. <https://doi.org/10.1007/s10896-007-9137-4>
- Straus, M. A. (2010). Thirty Years of Denying the Evidence on Gender Symmetry in Partner Violence: Implications for Prevention and Treatment. *Partner Abuse*, 1(3), 332–362. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.1.3.332>
- Straus, M. A., & Gozjolko, K. L. (2014). “Intimate Terrorism” and Gender Differences in Injury of Dating Partners by Male and Female University Students. *Journal of Family Violence*, 29(1), 51–65. <https://doi.org/10.1007/s10896-013-9560-7>
- Straus, Murray & Hamby, Sherry & Boney-McCoy, Sue & Sugarman, David. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and Preliminary Psychometric Data. *Journal of Family Issues - J FAM ISS*. 17. 283-316. 10.1177/019251396017003001
- Taniguchi, H., & Kaufman, G. (2013). Gender role attitudes, troubles talk, and marital satisfaction in Japan. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(7), 975–994. <https://doi.org/10.1177/0265407513516559>
- Temple JR, Weston R, Marshall LL. (2010). Mental Health Effects of Asymmetrical Partner Violence and Relationship Termination on Low-Income Urban Women. *Partner Abuse*. 1:379–398

- Teten AL, Sherman MD, Han X. (2009). Violence between therapy-seeking veterans and their partners: Prevalence and characteristics of nonviolent, mutually violent, and one-sided violent couples. *Journal of Interpersonal Violence*. 24:111–127
- The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS)*. (2019). <https://www.cdc.gov/violenceprevention/datasources/nisvs/index.html>
- Tillyer, M. S., & Wright, E. M. (2013). Intimate Partner Violence and the Victim-Offender Overlap. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 51(1), 29–55. <https://doi.org/10.1177/0022427813484315>
- Ulloa, E. C., & Hammett, J. F. (2015). Temporal Changes in Intimate Partner Violence and Relationship Satisfaction. *Journal of Family Violence*, 30(8), 1093–1102. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9744-4>
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2013) Marital satisfaction: The role of social skills of husbands and wives. *Paidéia*, 23(56), 379-388. doi:10.1590/1982-43272356201312. <https://doi.org/10.1590/1982-43272356201312>
- Wallace, S., Wallace, C., Kenkre, J., Brayford, J., & Borja, S. (2019). Men who experience domestic abuse: a service perspective. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 11(2), 127–137. <https://doi.org/10.1108/jacpr-03-2018-0353>
- Whitaker, D. J., Haileyesus, T., Swahn, M., & Saltzman, L. S. (2007). Differences in Frequency of Violence and Reported Injury Between Relationships With Reciprocal and Nonreciprocal Intimate Partner Violence. *American Journal of Public Health*, 97(5), 941–947. <https://doi.org/10.2105/ajph.2005.079020>
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of Violent Relationships, Psychological Distress, and Marital Satisfaction in a National Sample of Men and Women. *Sex Roles*, 52(11-12), 771–784. <https://doi.org/10.1007/s11199-005-4198-4>

Wu E., El-Bassel N., McVinney L. D., Hess L., Fopeano M. V., Hwang H. G., . . .

Mansergh G. (2015). The association between substance use and intimate partner violence within black male same-sex relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 30, 762-781

Yoon, J. E., & Lawrence, E. (2013). Psychological victimization as a risk factor for the developmental course of marriage. *Journal of Family Psychology*, 27(1), 53–64. <https://doi.org/10.1037/a0031137>

Yucel, D. (2018). Intimate Partner Violence and Marital Satisfaction: The Mediating Role of Marital Communication and the Moderating Role of Gender. *Partner Abuse*, 9(2), 137–157. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.9.2.137>

Yucel, D., & Koydemir, S. (2015). Predictors of marital satisfaction in North Cyprus: exploring the gender effects. *Journal of Family Studies*, 21(2), 120–143. <https://doi.org/10.1080/13229400.2015.1017908>